

BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR: UM RELATO DE ADOLESCENTES

BULLYING IN THE SCHOOL ENVIRONMENT: A REPORT OF ADOLESCENTS

Vinicius Girardi da Silva¹

Katia Toazza²

<https://orcid.org/0009-0005-1751-5064>

Recebido em: 09 dez. 2022.

Aceito em: 17 ago. 2023.

RESUMO

O *bullying* é uma realidade presente na sociedade e no ambiente escolar que afeta a saúde mental de estudantes, assim a pesquisa tem como intuito identificar os sofrimentos causados pela prática do *bullying* no ambiente escolar e justifica-se devido a importância do tema, visto os prejuízos causados pela exposição a esse tipo de violência, também se busca uma conscientização por parte dos leitores a fim de esclarecer sobre os danos causados à saúde mental das vítimas. O delineamento da pesquisa classifica-se como um estudo de abordagem qualitativa, de natureza descritiva e exploratória, de corte transversal. Participaram desse estudo 10 adolescentes entre 12 e 18 anos, de ambos os sexos, estudantes de escolas públicas e particulares do município de Fraiburgo, Santa Catarina. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista semiestruturadas, sendo todas transcritas na íntegra, e a partir delas analisado os dados com base na frequência das unidades de registro. A partir dos estudos, foi possível obter 7 (sete) categorias temáticas, sendo: Conceito de *bullying*, Modos de Ocorrência, Causa que motivou, Impactos do *bullying* na vida das vítimas, Superação do sofrimento, Prevenção do *bullying* na escola e Opinião sobre a implementação de grupos de apoio para vítimas de *bullying*. Por meio dos resultados pode-se contatar dados sobre a presença, a frequência e o impacto desse tipo de violência na vida das vítimas, bem como o modo de superação descrito por cada participante, e a partir disso destacar sobre a importância da prevenção deste fenômeno, além de meios, como grupos de apoio na escola, para promoção da saúde dos adolescentes vítimas de *bullying*.

Palavras-chave: *Bullying*. Adolescentes. Escola.

¹ Acadêmico da décima fase do Curso de Psicologia na Universidade do Oeste de Santa Catarina, campus Videira. E-mail: vini.girardi.unoesc@outlook.com.

² Professora do Curso de Psicologia na Universidade do Oeste de Santa Catarina, campus videira, Mestre em Desenvolvimento e Sociedade pela Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (Uniarp), campus Caçador. E-mail: psicologia.sme@edu-videira.sc.gov.br.

ABSTRACT

Bullying is a reality present in society and in the school environment that affects the mental health of students, so the research aims to identify the suffering caused by the practice of bullying in the school environment and is justified due to the importance of the subject, given the damages caused by exposure to this type of violence, we also seek to raise awareness on the part of readers in order to clarify the damage caused to the mental health of victims. The research design is classified as a study with a qualitative approach, of a descriptive and exploratory, cross-sectional nature. The study included 10 adolescents between 12 and 18 years of age, of both sexes, students from public and private schools in the city of Fraiburgo, Santa Catarina. Data collection was carried out through semi-structured interviews, all of which were fully transcribed, and from them the data were analyzed based on the frequency of the recording units. From the studies, it was possible to obtain 7 (seven) thematic categories, namely: Concept of bullying, Modes of Occurrence, Cause that motivated it, Impacts of bullying on the lives of victims, Overcoming suffering, Prevention of bullying at school and Opinion on the implementation of support groups for victims of bullying. Through the results, it is possible to contact data on the presence, frequency and impact of this type of violence in the lives of the victims, as well as the way of overcoming described by each participant, and from that point out the importance of preventing this phenomenon, in addition to means, such as support groups at school, to promote the health of adolescent victims of bullying.

Keywords: Bullying. Teenagers. School.

INTRODUÇÃO

O *bullying* é um ato de violência e tem sido compreendido como prática sistemática, ou em atos violentos de intimidação, humilhação ou discriminação, podendo ser tanto de natureza física quanto psicológica. A prática do *bullying* acontece nos mais diversos contextos, mas é no âmbito escolar que se desperta maior visibilidade (MALTA, 2019).

Tal ato ocorre através do uso ofensivo do poder sobre o outro, de maneira proposital e persistente, tornando-se comportamentos de perseguição e ameaças contra a vítima. Geralmente isso ocorre devido a características individuais da vítima, que a “difere” dos demais, como aparência física, peso, tamanho, vestimentas, personalidade, dentre outros fatores (MARCOLINO et al., 2018).

Silva et al. (2018) relatam que as características mais usuais as vítimas dessa prática violenta são a omissão de resistência, autoestima baixa, depressão, poucas amizades, não necessariamente delimitando algum tipo de minoria ou grupo social específico, mas sim características pessoais. Desse modo, a dificuldade que as

vítimas possuem em relacionamentos intraescolares é notável visto todos os fatores que envolvem o sofrimento psicológico causado pelo *bullying*.

O agente do *bullying* tem como objetivo destruir a vontade da vítima a fim de se destacar no seu grupo social, buscando de forma desesperada uma forma de reconhecimento para sanar suas angústias narcísicas, ocasionadas pelo não pertencimento a esses grupos. Isso também provoca o desejo de se sobressair a pessoas que não conseguem ter alguma reação ou que representa fragilidade, o que contrapõe os sentimentos que eles não podem sentir (CHAVES; SOUZA, 2018).

Ademais esses acontecimentos acabam comprometendo o processo de aprendizagem pelo fato da constante exposição das crianças e adolescentes ao sentimento de medo e angústia, o que condena o desejo de aprender e de se socializar com os demais, impedindo-as de apreciar os momentos que a instituição escolar pode oferecer para facilitar o seu desenvolvimento (HUMPEL; BENTO; MADABA, 2019).

De acordo com a Lei nº 13.185, Art. 3º os atos de intimidação sistemática denominados como *bullying* podem ser tipificados em várias formas, tendo em vista que as vítimas geralmente relatam mais de um tipo de agressão sofrida (BRASIL, 2015). Entre elas estão: Verbal: insultos, xingamentos, apelidos pejorativos, ofensas; Física: socos, chutes, beliscões, empurrões, qualquer agressão que consista em contato físico direto; Moral: difamação, calúnias, disseminação de rumores; Social: exclusão e isolamentos propositados; Psicológica: perseguições, intimidações e ameaças; Sexual: assédios e abusos de natureza sexual; Material: furtos e destruição de pertences; Virtual: depreciação por meio de mensagens, fotos, vídeos com o intuito de denegrir e constranger a vítima, através da internet, também conhecido como *cyberbullying*.

O *cyberbullying*, segundo Kowalski, Limber e Agatston (2012) é considerado uma das formas mais recentes e conhecidas dessa prática, é caracterizada pela utilização de linguagem vulgar e ofensiva e mensagens ameaçadoras e intimidadoras por meio da internet. Também relatam a forma de propagação do meio virtual para as práticas reais, como uma pessoa que para de enviar mensagens ofensiva através do WhatsApp e busca agredir e perseguir a vítima pessoalmente.

Tal prática pode ser confundida com a difamação, que é determinada pelo ato de difamar e afrontar a pessoa por meio de rumores e fofocas espalhados na internet

com o objetivo de causar prejuízos a reputação da vítima, devido à natureza ofensiva desse ato (SHARIFF, 2011).

Devido a exposição constante a esses tipos de violência, a vítima dessa prática tende a emitir comportamentos em curto prazo, como insônia, dificuldades de interação com colegas, pensamento autodepreciativos, reações psicossomáticas. E em longo prazo, podem ocorrer quadros depressivos, ideações suicidas, deficiências em interações sociais cotidianas (CHAVES; SOUZA, 2018).

Ttoffi et al. (2011) apontam que a taxa de riscos de suicídio na adolescência é quatro vezes maior, quando visto o fenômeno do *bullying* presente no cotidiano da vítima desde o Ensino Fundamental, podendo ser interpretada como efeitos consequentes do estado depressivo que tende a se estender e se agravar na fase adulta posteriormente.

Tal fenômeno é considerado um impacto adverso no desenvolvimento biopsicossocial de todos os envolvidos, gerando grande apreensão quanto a violência presente nas escolas por parte de todos os que ali frequentam. Os detrimientos se expandem até o meio fisiológico, causando distúrbios alimentares, transtorno de sono, autoestima baixa, problemas de conduta, transtornos de ansiedade e humor e o desarranjo de referências pessoais das pessoas comprometidas (STEPHAN et al., 2013).

Além das vítimas e dos agressores, pessoas que permeiam esse fenômeno diariamente podem apresentar traumas e transtornos psíquicos. Estudos relatam que cerca de 80% das agressões nas escolas ocorrem diante de várias testemunhas, que se posicionam passivamente, o que faz com que a vítima se sinta responsável e culpada pela agressão que está sofrendo, aumentando o sentimento de impenitência do agressor (TTOFFI et al., 2011).

Humpel, Bento e Madaba (2019) dizem que na maior parte das vezes as vítimas acabam não denunciando a prática do *bullying* para autoridades ou para os pais, o que dificulta o processo de investigação e identificação desses casos nas escolas. Por isso é importante remover obstáculos que tornam a escola um ambiente exclusivo e reconhecer as dificuldades dos alunos.

Visto as consequências danosas decorrentes do *bullying* na vida das vítimas, podendo ser prolongada até a vida adulta, é de suma importância a abordagem deste tema para que cada vez mais sejam implantadas políticas de combate a essa prática

em qualquer área, mas principalmente nas escolas, onde a criança ou adolescente ainda passa por um processo de desenvolvimento e aprendizagem (PEREIRA, 2008).

Silva et al. (2014) inclui o trabalho da psicopedagogia nesses casos como essencial para desenvolver uma ponte em relação com a criança, a escola e a família. Assim o profissional contribui para a prevenção e diminuição de dificuldades na aprendizagem, bem como fortalece a promoção de um ambiente educacional saudável, buscando tratar das limitações dos alunos através de métodos preventivos com os alunos, com os profissionais pedagogos e com as famílias.

Além disso a prática da psicoeducação é um dos principais procedimentos que podem ser adaptados ao meio escolar. Segundo Knijnik e Kunzler (2014), esse método tem sua importância devido a ideia de que as pessoas podem adquirir novas habilidades para mudar suas cognições, comportamentos, controlar o seu humor. Isso acontece devido ao acesso de informações relacionadas com a situação-problema em que vivem providas por essa técnica, aumentando os conhecimentos para confrontá-las de maneira mais eficaz.

Nogueira et al. (2017) trazem a prática da psicoeducação como funcional em todos os meios que envolvem a necessidade de modificações no campo cognitivo e comportamental. No âmbito escolar busca-se utilizá-la para aumentar os aspectos relacionados ao conhecimento que alunos e educadores tinham sobre o fenômeno *bullying*, bem como sobre emoções e contribuições que cada um deve ter para estabelecer uma cultura de paz nas escolas.

É possível perceber uma grande afluência de estudos que buscam investigar a definição do *bullying* e sua ocorrência nas escolas no Brasil, pois apesar de ser algo antigo, ainda é muito recente no cotidiano escolar. Estudos empíricos indicam dificuldades por parte da família, escola e sociedade para intervir no combate a essa prática e reconhecer a complexabilidade e as suas consequências danosas entre os envolvidos, sendo ainda objeto de estudo e discussões (OLIVEIRA-MENEGOTTO; PASINI; LEVANDOWSKI, 2013).

É importante evidenciar como o impacto do *bullying* na escola pode ultrapassar esse trauma propriamente dito, reforçando traumas mais antigos, afetando o equilíbrio psíquico do sujeito e a sua relação com o mundo ao seu redor (SOUZA, 2019).

Portanto, essa pesquisa tem como objetivo principal analisar como se caracteriza o sofrimento psicológico de adolescentes vítimas de *bullying* no âmbito

escolar. Também investiga como ocorre a prática do *bullying* no ambiente escolar e de que maneira tal prática afeta psicologicamente as vítimas.

MÉTODO

DELINEAMENTO

O estudo foi caracterizado pela abordagem qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, de corte transversal, com o objetivo de atingir maior profundidade nos dados obtidos. A pesquisa qualitativa é conveniente para se obter um maior entendimento dos fenômenos específicos e complexos, buscando um meio mais participativo de obtenção de resultados. Suas finalidades são de cunho exploratório, pois proporciona um primeiro contato do pesquisador com o tema, a fim de familiarizá-lo com os fenômenos que serão estudados. Também o estudo é transversal devido ao curto período de tempo para que a pesquisa seja finalizada (FONTELLES et al., 2009).

PARTICIPANTES

Participaram deste estudo 10 indivíduos, adolescentes entre 12 e 18 anos, de ambos os sexos, estudantes de escolas particulares e públicas do município de Fraiburgo, SC, que já relataram ou apresentaram queixas de *bullying* sofridos no ambiente escolar. Não puderam participar da entrevista indivíduos menores de 12 e maiores de 18 anos, não estudantes, não residentes na cidade de Fraiburgo, ou adolescentes que possuam alguma condição que impossibilite o entendimento e aplicação da entrevista. As entrevistas com os participantes foram realizadas individualmente com horário e local previamente agendado. Como critérios utilizados para delimitação do número de participantes, a saturação de dados que compreende uma fase de análise de dados onde o investigador constata a repetição de fenômenos voltados ao mesmo tema (RIBEIRO; SOUZA; LOBÃO, 2018). Os integrantes da pesquisa foram acessados por meio de indicações de pessoas próximas ao pesquisador, e a partir disso, alcançar novos participantes através das indicações dos mesmos, utilizando a técnica de bola de neve (*Snowball*) (BECKER, 1993).

COLETA DE DADOS

Para coleta de dados foi utilizada a entrevista individual semiestruturada, que visa alcançar maior profundidade nos dados e resultados obtidos (NUNES et al., 2016). Esse tipo de entrevista segundo Laville e Dionne (1999), proporciona uma maior flexibilidade na coleta de dados, bem como uma maior abertura do entrevistado, o que torna de certa forma as respostas obtidas com maior grau de veracidade. Essa entrevista, que por tratar-se de menores de idade ocorreu mediante autorização de responsável, trouxe questões pertinentes aos episódios de violência ocorridos no âmbito escolar.

PROCEDIMENTOS

A partir da entrevista semiestruturada, foi realizado o contato com os participantes por meio da indicação dos profissionais educadores que trabalham em escolas particular e pública do município de Fraiburgo e possuem maior compreensão do fenômeno. Os participantes foram convidados a participar, em data e local pré-agendados, a fim de proporcionar uma maior acessibilidade.

Antes do início do processo de entrevista, cada participante assinou um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e juntamente um Termo de Responsabilidade, que deverá ser assinado pelos pais, pois trata-se de uma amostragem com menores de idade. Após isso foram esclarecidos os objetivos da pesquisa e a sua necessidade.

Também foi realizado um momento de feedback buscando questões e opiniões dos participantes acerca da entrevista e das questões abordadas, certificando a questão do sigilo e da ética no processo.

ANÁLISE DE DADOS

Com o término da coleta de dados, a análise foi realizada por meio do método de análise de conteúdo, o que segundo Bardin (2011), permite uma interpretação mais abrangente sobre os fenômenos sociais apresentados pelos participantes, bem como a significação desses dados coletados.

CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

Segundo as normas do Conselho Nacional da Saúde, essa pesquisa foi sujeitada a uma avaliação pelo Comitê de Ética, obtendo parecer de aprovação. Posteriormente a análise dos resultados, os mesmos serão apresentados a todos os participantes, a fim de proporcionar maiores informações sobre os desfechos da pesquisa.

RESULTADOS

Com base nos conteúdos obtidos através das entrevistas, obteve-se o total de 7 (sete) categorias temáticas, sendo: Conceito de *bullying*, Modos de Ocorrência, Causa que motivou, Impactos do *bullying* na vida das vítimas, Superação do sofrimento, Prevenção do *bullying* na escola e Opinião sobre a implementação de grupos de apoio para vítimas de *bullying*.

A Tabela 1 indica as categorias estabelecidas, com suas respectivas unidades de registro e frequência das menções, sendo o Grupo 01 composto pelo público do sexo masculino e Grupo 02 pelos participantes do sexo feminino.

Tabela 1 – Análise temático-categorial das entrevistas em profundidade

Categoria	Unidade de Registro	Grupo	Grupo	Frequência de registro
		1	2	
Conceito de <i>Bullying</i>	Preconceito	1	3	4
	Agressões	2	1	3
	Violência	2	1	3
	Abuso	1	1	2
	Xingamentos	1	0	1
	Sofrimento	0	1	1
	Apelidos	1	0	1
	Zoações	5	4	9
Modos de ocorrência	Xingamentos	2	2	4
	Humilhação	2	2	4
	Exclusão	1	0	1
	Agressões físicas	0	1	1
	Aparência	9	8	17
Causa que motivou	Condições financeiras	0	4	4
	Introversão	1	0	1
	Tristeza	3	4	7
Impactos do <i>bullying</i> na vida das vítimas	Ansiedade	1	1	2
	Medo	0	2	2
	Não teve impactos	2	0	2
	Vergonha	0	1	1
	Superou com ajuda familiar	0	4	4
Superou com ajuda profissional	2	1	3	

Superação dos sofrimentos	Superou sem ajuda	2	0	2
	Não superou	1	1	2
Prevenção do <i>bullying</i> na escola	Conscientização por parte da escola, dos alunos e dos pais	5	3	8
	Punições mais rígidas para os agressores	3	1	4
	Não é possível	0	2	2
Opinião sobre a implementação de grupos de apoio para vítimas de <i>bullying</i>	Participaria, acha uma boa ideia.	3	4	7
	Não frequentaria, mas acha uma boa ideia.	2	1	3

Fonte: o autor (2021).

CONCEITO DE *BULLYING*

A categoria “Conceito de *bullying*” mostra as respostas dos participantes quanto ao conceito de *bullying*, visando compreender como os jovens definem esta prática. Segundo os resultados obtidos, a unidade de registro mais citada é “preconceito”, seguida de “violência” e “agressões”, o que, segundo os participantes, são as formas mais conhecidas da prática do *bullying*: “Na minha visão, *bullying* são agressões físicas e psicológicas. Quem pratica o *bullying* quer descontar as próprias inseguranças em cima de outra pessoa [...]” (P4 – Grupo 1); “[...] é quando as pessoas começam a julgar as outras pela cor da pele, pela aparência, pelo peso, o tipo do cabelo, tipo preconceito sabe [...]” (P3 – Grupo 2).

A unidade “Agressões” também foi citada com frequência relativa para definir *bullying*: “Na minha visão, *bullying* são agressões físicas e psicológicas. Quem pratica o *bullying* quer descontar as próprias inseguranças em cima de outra pessoa.” (P4 – Grupo 1).

Como unidades de registro com menos frequência “apelidos”, “xingamentos” e “sofrimento” aparecem como suposta definição sobre o *bullying*: “[...] chamar os outros de apelidos e tal [...]” (P2 – Grupo 1); “[...] Ah, sofrimento, [...] coisas ruins que as outras pessoas falam.” (P2 – Grupo 2).

MODOS DE OCORRÊNCIA

Na categoria “Modos de ocorrência” buscou-se identificar quais os tipos de agressões que os participantes sofrem ou sofreram no ambiente escolar, sendo tanto de natureza física quanto psicológica. “Zoações” foi a unidade de registro mais

presente: “[...] *Eles faziam piadinhas, deboches, zoações, e acontecia sempre em voz alta para a turma inteira ouvir e rir.*” (P4 – Grupo 1).

Em seguida, com igual frequência são citadas as unidades “humilhações” e “xingamentos”. Como relata P1 – Grupo 1: “[...] *os meninos da outra sala sempre ficam me chamando de nanico, gnomo, falam do meu cabelo que parece aquelas esponjas de lavar louça.*”; e também P4 – Grupo 2: “*Tinha uma menina na minha sala que tinha o cabelo cacheado e era bem branca, ela falava coisas do tipo ‘vai tomar um banho sua preta’, ‘encardida’, ‘macaca’.*”.

Com a menor frequência apareceram as unidades de registro “agressão física” e “exclusão”: “[...] *Aconteceu também delas me darem empurrões na saída da escola [...]*” (P2 – Grupo 2). E também relata P3 – Grupo 1: “[...] *eles sempre se fechavam em um grupo só deles e me excluía quando eu tentava me enturmar com eles [...]*”.

CAUSA QUE MOTIVOU

A categoria “Causa que motivou” tem o intuito de investigar sobre quais percepções os participantes tem acerca dos motivos de sofrerem *bullying*, buscando identificar também possíveis motivos que levaram os agressores a cometer tais atos. Com a maior frequência de dados “aparência” foi a unidade de registro que mais se mostrou presente nos relatos dos participantes: “[...] *o motivo era pela cor da minha pele, mas ela também me zoava porque eu não tinha condições de comprar as coisas e ela era a ‘riquinha’ da sala.*” (P4 – Grupo 2); “[...] *tinha alunas na minha escola que me zoavam pelo meu peso e pela cor da pele, ficavam inventando apelidos [...]*” (P3 – Grupo 2).

“Condições financeiras” foi uma unidade citada com intermediária, para justificar as causas de *bullying*: “[...] *por que meus pais não tem dinheiro pra comprar, daí eu ia para a escola com as roupas velhas, algumas até rasgadas, minha mochila também era bem velha [...]*” (P5 – Grupo 2).

Já com a menor frequência de registro os participantes trouxeram a unidade “introversão” como causa das agressões que sofriam: “[...] *Falavam que eu era estranho, que falava pouco, e por que eu era novo ali e não conhecia ninguém direito [...]*” (P3 – Grupo 1).

IMPACTO DO *BULLYING* NA VIDA DAS VÍTIMAS

A categoria “Impacto do *bullying* na vida das vítimas” buscou investigar as principais consequências dos episódios de *bullying* na vida das vítimas, devido à exposição a esse tipo de violência. Com a maior frequência aparece “tristeza”, relatada pela maioria dos participantes: “[...] *no começo eu ficava bastante triste, chorava bastante [...]*” (P1 – Grupo 1); “[...] *na época que eu sofria ficava muito triste e me comparava muito com as outras meninas, queria emagrecer também, mas não conseguia aí ficava triste.*” (P3 – Grupo 2).

“Ansiedade” e “medo” também foram sentimentos expressados de forma significativa pelos participantes, diante da vivência de *bullying*: “[...] *na época desenvolvi ansiedade e depressão bem fortes, que me prejudicaram bastante [...]*” (P5 – Grupo 1); “[...] *eu ficava muito mal e tinha medo de ir pra escola [...]*” (P4 – Grupo 2).

Como unidade de registro de menor índice de frequência, aparece o sentimento de “vergonha”: “[...] *eu tinha muita vergonha de ir pra escola [...]*” (P5 – Grupo 2).

SUPERAÇÃO DOS SOFRIMENTOS

A categoria “Superação do sofrimento” apresenta como foi para os participantes o processo de superação do sofrimento gerado pelo *bullying*. A maior unidade de registro apontada foi que “superou com ajuda familiar”. “[...] *tive ajuda apenas da minha mãe. Depois que contei pra ela, ela foi na escola e aí as coisas se resolveram.*” (P1 – Grupo 1); “[...] *eu pedi ajuda só pra minha mãe, ela me falava as coisas que não era pra eu ligar pra isso e tal [...]*” (P3 – Grupo 2).

Em seguida, com frequência significativa tem-se que “superou com ajuda profissional” (P1 – Grupo 1): “[...] *Eu frequentei algumas vezes a psicóloga nessa época e ela me ajudou em bastante coisas.*” (P3 – Grupo); “[...] *comecei a frequentar a psicóloga e falava pra ela tudo que estava acontecendo*” (P5 – Grupo 1).

Como menor frequência, encontra-se a unidade “não superou”, demonstrando que alguns participantes ainda sofrem pelo sofrimento vivenciado: “[...] *Não. Nunca procurei alguém também por vergonha sabe.*” (P2 – Grupo 2).

Também a unidade “superou sem ajuda”, aparece com baixa frequência, indicando que alguns participantes não obtiveram auxílio nesse processo por receio de

contar sobre os atos de violência. Como relata P4 – Grupo 1: *“Consegui superar, mas não recorri a ajuda de ninguém. Fui pessoalmente falar com os alunos que faziam isso e pedi pra pararem ou eu ia falar com a diretora [...]”*.

PREVENÇÃO DO BULLYING NAS ESCOLAS

A categoria “Prevenção do *bullying* nas escolas” busca compreender as percepções dos participantes sobre a possibilidade de prevenção do *bullying* na escola e meios para que isso seja alcançado. Assim, as unidades mais citadas foram “conscientização por parte da escola e dos alunos” e “punições mais rígidas para os agressores” nessa ordem: “[...] *Poderia, conversando com os alunos de todas as turmas, também colocando regras mais rígidas nas escolas para esse tipo de comportamento.*” (P2 – Grupo 1). Também relata P3 – Grupo 2: *“Acredito que outras formas de conscientização, utilizando exemplos reais de pessoas que sofreram isso na prática [...] Também acho que se a escola tivesse regras mais rígidas para punir esses agressores funcionaria também.”*

A unidade com menor frequência dentre os presentes foi “não é possível”. Como traz P4 – Grupo 2: “[...] *eu acho que não, porque a gente sempre vê coisas sobre isso na escola e por mais que falem bastante ainda continua tendo, e acredito que sempre vai ter.*”

OPINIÃO SOBRE A IMPLEMENTAÇÃO DE GRUPOS DE APOIO PARA VÍTIMAS DE BULLYING

Por fim, a categoria “Opinião sobre a implementação de grupos de apoio para vítimas de *bullying*” apresenta as principais considerações dos participantes quanto a criação e adesão em grupos de apoio voltados a vítimas de *bullying*. A categoria que mais teve frequência foi “frequentaria, acha uma boa ideia”, como cita P5 – Grupo 1: *“Eu frequentaria sim, acho uma ótima ideia, [...] isso faria com que as vítimas não se sentissem sozinhas nessa situação e ajudaria elas a descarregar seus sofrimentos juntamente com pessoas que passam por coisas parecidas na escola.”*; P5 – Grupo 2 aponta também: *“Sim, acho que seria bom se tivesse isso na minha escola, por que existe tanta gente que passa por isso e as vezes tem vergonha de falar, tipo eu [...]”*.

A unidade que teve a menor frequência foi “Não frequentaria, mas acha uma boa ideia.”, como relata P4 – Grupo 1: “*Eu não frequentaria porque no meu caso não foi tão grave assim, mas acredito que se isso fosse implementado nas escolas ajudaria bastante a quem sofre essas agressões e também a identificar quem pratica o bullying [...]*”.

DISCUSSÃO

A primeira categoria denominada como “conceito de *bullying*” buscou compreender como estudantes vítimas de *bullying* definem tal fenômeno de violência. Assim, a maioria dos pesquisados apontaram que o *bullying* está relacionado a preconceito. O preconceito é algo diretamente relacionado a essa prática de violência, na verdade, o *bullying* se aproxima do conceito de preconceito, principalmente quando se reflete sobre os fatores sociais que determinam os grupos-alvo, e sobre os indicativos da função psíquica para aqueles considerados como agressores (ANTUNES; ZUIN, 2008).

Nesse sentido, Crochik (2015) traz que no preconceito há um alvo delimitado, no qual expectativas, medos e desejos que o indivíduo não pode admitir em si são projetados; em contrapartida, o autor do *bullying* precisa de um alvo, qualquer que seja, que possa submeter à sua vontade de dominação e destruição da vontade alheia. Assim é perceptível os problemas relacionados ao *bullying* na vida dos agressores, mas principalmente, na vida das vítimas desse tipo de violência.

Segundo Batista (2011) nem toda agressão é *bullying*, mas o *bullying* é sempre uma agressão, com características próprias que o difere de outras violências, ainda que intrinsecamente relacionado aos preconceitos, discriminações, entre outros. Desse modo, é evidente a relação entre este fenômeno e a violência, fazendo com que esses dois conceitos andem de forma paralela quando falamos de episódios de *bullying* nas escolas.

Assim, o *bullying* pode se manifestar de várias formas. Na categoria “Modos de ocorrência”, evidenciou-se que a maioria dos participantes sofreram *bullying* por meio de zoações. No que diz respeito à manifestação deste fenômeno por meio de agressões verbais, Dalosto e Alencar (2013) destacam o relato de comportamentos dos agressores do tipo “zoar” ou humilhar as vítimas, colocando apelidos ou fazendo

gozações. A “zoação”, no dizer dos alunos, é um comportamento muito comum entre os adolescentes e tem a ver com “brincadeiras” que, na maioria das vezes, têm o intuito de achincalhar, menosprezar e humilhar o outro.

Ainda, de acordo com Dalosto e Alencar (2013), as situações mais graves de *bullying* começam com provocações e xingamentos. Por vezes, essas agressões são gratuitas e aparentemente inocentes e costumam ser rotineiras entre os alunos que, na maioria das vezes, não as identificam como danosas aos relacionamentos, muito menos como geradoras de situações de violência. Cuervo et al. (2018) relatam também que o *bullying* difere de outras formas de agressão porque é sistematicamente repetido em contexto de relações interpessoais, com assimetria de poder entre o agressor e sua vítima.

A terceira categoria “Causa que motivou” procurou identificar, na percepção dos participantes, possíveis motivos que levaram os agressores a cometer tais atos de *bullying*, pois conhecer as causas e os motivos do envolvimento de escolares em situações de *bullying*, como relata Oliveira et al. (2015b) é fundamental para a implementação de ações de enfrentamento, que tenham como foco o desenvolvimento humano e a promoção da saúde no contexto escolar.

Com a maior frequência de registro, nesta categoria, a “aparência” foi a unidade que mais se destacou como motivo para sofrer a violência. Segundo Russo (2020) “dentre os motivos de ocorrência de *bullying* reportados por adolescentes, a aparência do próprio corpo é uma das principais. Essa aparência tem sido frequentemente destacada pela literatura como um desafio crescente a ser enfrentado durante a adolescência. Muitos jovens têm dificuldade de aceitar a si mesmos e se sentem insatisfeitos com sua imagem corporal”.

Estar acima do peso, numa sociedade que valoriza a aparência física e o corpo ideal, pode fazer do indivíduo um alvo para discriminações em diversos contextos, sobretudo no contexto escolar (COSTA; SOUZA; OLIVEIRA, 2012). A partir disso, os jovens buscam a entrada em subgrupos sociais, como pontuam Santos e Silva (2021) que é regulada mediante as normas sociais que se estabelecem e a tentativa de se afastar dos atos de *bullying* também pode ser traduzida na preocupação constante que eles apresentam com sua aparência física.

Oliveira et al. (2015b) pontua que a cor da pele ou a raça dos estudantes também é referida significativamente como causa para a vitimização. Negros

relataram que sofreram *bullying* cerca de quatro vezes mais, e indígenas até duas vezes mais. Esta dimensão vincula-se a questões sociais, culturais, racismo e preconceito, uma vez que há um padrão hegemônico de valorização da cor da pele branca.

A quarta categoria “Impacto do *bullying* na vida das vítimas” aponta as principais consequências dos episódios de tal fenômeno vivenciado pelos entrevistados. Assim, evidenciou-se o sentimento de “tristeza” relatado com maior frequência pelos participantes. Cano-Echeverri e Vargas-Gonzalez (2018) afirmam que o *bullying* escolar é marcado pela hostilidade de um agressor contra sua ou suas vítimas, tais atos possuem consequências muito mais problemáticas do que as opugnações presentes durante o momento do ato, desde uma angústia acentuada até assassinato e suicídio.

Sentimento de “ansiedade” e “medo” também foram expressados pelos participantes, diante da vivência de *bullying*. Assim, Veloso et al. (2020) citam também que o fenômeno produz impactos psicológicos negativos, como sentimentos de raiva, depressão, baixa autoestima e estresse, tendo o suicídio, e o homicídio como possíveis desfechos.

Russo (2020) relata consistentes evidências da associação entre a exposição de adolescentes ao *bullying* e diversos problemas de saúde, tais como ansiedade, depressão, baixa autoestima e autolesão. Adolescentes vítimas de *bullying* também apresentam maior risco em desenvolver transtornos alimentares e envolvimento com o uso de substâncias lícitas e ilícitas. Outro agravante é que as consequências da violência durante a infância e adolescência, muitas vezes, perduram por longo prazo, causando impactos na vida adulta.

A quinta categoria intitulada “Superação do sofrimento” buscou compreender como foi para os participantes o processo de superação do sofrimento gerado pelo *bullying*. A maior unidade de registro apontada foi que “superou com ajuda familiar, destacando a influência dos familiares durante o processo de superação do sofrimento, uma vez que os participantes relataram sobre a falta de coragem de expor a violência vivida às autoridades escolares, além do medo decorrente das ameaças dos seus agressores.

Assim, Oliveira et al. (2015a) explicam que famílias que dão suporte aos filhos vítimas de *bullying* permitem que estes possam romper com o ciclo de violência e

abusos, fortalecendo-os a desenvolverem mecanismos de enfrentamento para lidar com o processo de vitimização. Esses comportamentos dos pais são interpretados como de envolvimento positivo entre eles e os filhos, aspecto que recebe grande destaque na literatura e é apontado como fator significativo de proteção. Este envolvimento é traduzido pela supervisão, estabelecimento de regras e comunicação positiva. Além disso, a aceitação dos pais em relação às dificuldades, diferenças e aparência dos filhos diminui as chances de envolvimento em situações agressivas. Silva et al. (2017) sugerem ainda que a família, o envolvimento escolar, a relação com os professores e o estabelecimento de laços de amizade com os pares são variáveis que devem ser trabalhadas no sentido de prevenir situações de desenvolvimento de violência nas escolas.

Também, com frequência significativa, foi pontuado por participantes que a superação do sofrimento causado pelo *bullying* ocorreu com ajuda profissional. Freire e Aires (2012) declaram que é fundamental a presença do psicólogo na escola, pois ele irá contribuir para o reconhecimento de comportamentos e atitudes que dificultam as relações interpessoais, que geram conflitos e que podem levar ao aparecimento de atos de violência e agressividade entre os alunos. Mencionam também que a inserção do profissional de Psicologia no ambiente escolar seria fundamental não só para trabalhar o desenvolvimento cognitivo, mas também o desenvolvimento emocional e pessoal dos estudantes e profissionais de educação, trazendo trabalhos preventivos com ênfase na cidadania, incentivando a solidariedade, a generosidade, a paz, a tolerância e o respeito às diferenças.

A sexta categoria “Prevenção do *bullying* nas escolas” objetivou compreender as percepções dos participantes sobre a possibilidade de prevenção do *bullying* na escola, bem como meios para que isso seja alcançado. A “conscientização por parte da escola e dos alunos” e “punições mais rígidas para os agressores” foram as unidades mais citadas pelos participantes. Assim, prevenção do *bullying* nas escolas é um tema que necessita de estratégias aprimoradas para que sua execução seja possível.

Silva et al. (2017) alega que escolas devem elaborar procedimentos e regulamentos que previnam comportamentos agressivos (normas *antibullying*), assim como definir penalizações e torná-las claras para todos. Os alunos devem ser envolvidos também na criação dessas normas, serem atendidas as suas sugestões e

serem estimulados a comunicar as situações de *bullying*. Através desse tipo de intervenção será possível trabalhar com o *bullying* de uma forma mais ampla, alcançando não somente o tratamento com as vítimas após os episódios, mas também uma forma de prevenir que esse tipo de situação aconteça no âmbito escolar.

Segundo Bottan (2020) entre as principais estratégias, observou-se que maior supervisão na hora do intervalo, capacitação dos professores para manejo em sala de aula, estabelecimento de regras claras e envolvimento da família são eficazes para minimizar o *bullying*. Ainda, a intensidade e a duração dos programas *antibullying* estão associadas à efetividade, assim como as abordagens múltiplas, envolvendo professores, pais e alunos. Também, aspectos relacionados à empatia e tolerância à diversidade devem ser incluídos na pauta dos programas de intervenção *antibullying*. Ao mesmo tempo, estudantes que praticam *bullying* devem participar de iniciativas que apontem os efeitos negativos de seus comportamentos e como os conflitos podem ser resolvidos de forma não violenta (OLIVEIRA et al., 2021).

Por fim, a sétima categoria “Opinião sobre a implementação de grupos de apoio para vítimas de *bullying*” destacou as considerações dos participantes quanto a criação e adesão em grupos de apoio voltados as vítimas desta violência. A maioria pontua que “frequentaria, acha uma boa ideia”. A implementação de grupos no contexto escolar, que permitam aos adolescentes desenvolver competências de expressão emocional, pensamento crítico e escuta ativa, parecem melhorar a socialização entre os pares e, conseqüentemente, constituir se como uma medida preventiva de elevada eficácia (DIAS; ROCHA; MOTA, 2019).

Nessas situações, Pigozi e Bartoli (2016) trazem que a construção do processo de confiança é fundamental, já que o adolescente envolvido com esses conflitos está com medo e inseguro. Pode-se começar através da disponibilidade e visibilidade, para que o adolescente saiba que existe alguém em quem ele possa confiar e contar seus sofrimentos. Dessa forma a saúde do adolescente, principalmente no tocante ao sujeito vulnerável em situações de *bullying*, requer a criação de dispositivos de fazer cuidar, que podem acontecer através do acolhimento, empatia, escuta sensível, rodas de conversas, intersectorialidade entre escola-família-serviço de saúde, entre outros (PIGOZI, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa que teve como propósito investigar como se evidencia o sofrimento psicológico de adolescentes vítimas de *bullying* no âmbito escolar, o qual foi alcançado, permitindo identificar os principais angustias causadas pelo *bullying* e como tal fenômeno impactou a vida dessas vítimas. A partir dos resultados obtidos, nota-se como a presença do *bullying* nos dias de hoje ainda se mantém constante, independente do contexto em que a escola se encontra.

Quanto às violências sofridas por essas vítimas, foi percebido que os modos de violência mais comuns são por meios verbais, como xingamentos, zoações, ofensas, porém não exclui a presença de agressões físicas e psicológicas. Evidenciou-se também que como maior problema enfrentado pelos adolescentes são relacionados a sua aparência, como cor da pele, cabelo, vestimentas entre outras características que os agressores geralmente buscam como justificativas para seus atos, infligindo diretamente na autoestima das vítimas.

Também, os resultados dessa pesquisa mostram como o *bullying* afeta de forma negativa o cotidiano das pessoas que sofrem essas agressões, provocando impactos psicológicos que se estendem até a vida adulta. Percebe-se também a dificuldade que as vítimas possuem de procurar algum tipo de ajuda externa para sanar o problema, como a direção da escola, entretanto acabam recorrendo a ajuda dentro da própria família, o que de certa forma auxilia a superar as adversidades e também a enfrentar esse problema de uma forma menos prejudicial.

Pontua-se ainda, as opiniões dos participantes relacionadas com a prevenção e tratamento desse fenômeno nas escolas. Destaca-se que, quanto à prevenção, os participantes indicam a importância da “conscientização por parte da escola e dos alunos” e “punições mais rígidas para os agressores”, evidenciando a importância de estratégias adequadas para coibir essa violência. No que diz respeito ao tratamento, a maioria dos participantes concordam com a implementação de grupos de apoio para vítimas de *bullying* na escola, como meio importante para cuidar e prevenir essa prática.

As limitações dessa pesquisa dizem respeito à baixa amostra. Assim, salienta-se a importância de novas pesquisas com grupos amostrais maiores, além de novos estudos com metodologias diversificadas para aprofundamento da temática em

questão. Outro ponto foi à baixa instrução de alguns participantes a respeito do fenômeno *bullying*, alguns dos participantes não sabiam sobre o que se tratava ou não lembravam se já haviam sofrido algo parecido no âmbito escolar, com base nisso as entrevistas com esses participantes foram anuladas.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Deborah Christina; ZUIN, Antônio Álvaro Soares. Do *Bullying* ao Preconceito: os desafios da barbárie à educação. **Psicologia & Sociedade**, v. 20, n. 1, p. 33-42, 2008. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/3093/309326454004.pdf>>. Acesso em: 02 nov. 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011

BATISTA, Elise Helena de Moraes. **Bullying e Diferenças: A Busca por um Olhar Ampliado**. 2011. 188 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011. Disponível em: <<https://1library.org/document/zkxwr9my-bullying-e-diferencas-busca-por-um-olhar-ampliado.html>>. Acesso em: 02 nov. 2021.

BECKER, Howard. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Hucitec, 1993.

BOTTAN, Gabriela et al. Intervenção breve *antibullying* para adolescentes em escolas públicas. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 41, p. 1-9, 2020. doi: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2020.20190336>

BRASIL. Lei n. 13.185, de 6 de novembro de 2015. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*). **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 6 nov. 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm>. Acesso em: 02 nov. 2021.

CANO-ECHEVERRI, Margarita María; VARGAS-GONZALEZ, Jorge Enrique. *Actores del acoso escolar*. **Revista Médica de Risaralda**, v. 24, n. 1, p. 61-63, 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/rmri/v24n1/v24n1a11.pdf>>. Acesso em: 02 nov. 2021.

CHAVES, Denise Raissa Lobato; SOUZA, Mauricio Rodrigues de. *Bullying e preconceito: a atualidade da barbárie*. **Revista Brasileira de Educação**, v. 23, p. 1-17, 2018. doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782018230019>.

COSTA, Miguel Ataíde Pinto da; SOUZA, Marcos Aguiar de; OLIVEIRA, Valéria Marques de. Obesidade infantil e *bullying*: a ótica dos professores. **Educação e Pesquisa**, v. 38, n. 3, p. 653-665, jul./set. 2012. doi: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022012005000017>.

CROCHIK, José Leon. Formas de violência escolar: preconceito e *bullying*. **Movimento-Revista de Educação**, n. 3, p. 29-56, 2015. doi: <https://doi.org/10.22409/mov.v0i3.270>.

CUERVO, Angel Alberto Valdés et al. *Challenging behavior, parental conflict and community violence in students with aggressive behavior*. **International Journal of Psychological Research**, v. 11, n. 1, p. 50-57, 2018. doi: <https://psycnet.apa.org/doi/10.21500/20112084.1777>.

DALOSTO, Marcília de Moraes; ALENCAR, Eunice Maria Lima Soriano de. Manifestações e prevalência de *bullying* entre alunos com altas habilidades/superdotação. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 19, n. 3, p. 363-378, 2013. doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-65382013000300005>.

DIAS, Denise; ROCHA, Magda; MOTA, Catarina Pinheiro. *Bullying* em adolescentes do 3.º ciclo: papel da vinculação aos pares no comportamento do agressor e da vítima. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 120, p. 79-104, 2019. doi: <https://doi.org/10.4000/rccs.9570>.

FONTELLES, Mauro José et al. Metodologia da pesquisa científica: diretrizes para a elaboração de um protocolo de pesquisa. **Revista Paranaense de Medicina**, v. 23, n. 3, p. 1-8, set. 2009. Disponível em: <<http://files.bvs.br/upload/S/0101-5907/2009/v23n3/a1967.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2021.

FREIRE, Alane Novais; AIRES, Januária Silva. A contribuição da psicologia escolar na prevenção e no enfrentamento do *Bullying*. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 16, n. 1, p. 55-60, jan./jun. 2012. doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-85572012000100006>.

HUMPEL, Paola Raffaella Arabbi; BENTO, Kelly Cristina Menezes; MADABA, Celestino Manuel. *Bullying* vs. educação escolar inclusiva. **Revista Psicopedagogia**, v. 36, n. 111, p. 378-390, dez. 2019. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v36n111/12.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2021.

KNIJNIK, Daniela Zippin; KUNZLER, Lia Silvia. Psicoeducação e Reestruturação Cognitiva. In: MELO, Wilson Vieira (Org.). **Estratégias psicoterápicas e a terceira onda em terapia cognitiva**. Novo Hamburgo: Sunopsys, 2014. Cap. 1, p. 24-56.

KOWALSKI, Robin M.; LIMBER, Susan P.; AGATSTON, Patricia W. *Cyberbullying: Bullying in the Digital Age*. 2. ed. Malden: Wiley-Blackwell, 2012. 294 p.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed, 1999. 339 p.

MALTA, Deborah Carvalho et al. Prevalência de *bullying* e fatores associados em escolares brasileiros, 2015. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, n. 4, p. 1359-1368, abr. 2019. doi: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018244.15492017>

MARCOLINO, Emanuella de Castro et al. *Bullying*: prevalência e fatores associados à vitimização e à agressão no cotidiano escolar. **Texto & Contexto – Enfermagem**, v. 27, n. 1, 2018. doi: <https://doi.org/10.1590/0104-07072018005500016>.

NOGUEIRA, Carlos André et al. A importância da psicoeducação na terapia cognitivo-comportamental: uma revisão sistemática. **Revista das Ciências da Saúde do Oeste Baiano**, v. 2, n. 1, p. 108-120, 2017. Disponível em: <<http://www.fasb.edu.br/revista/index.php/higia/article/view/190>>. Acesso em: 05 nov. 2021.

NUNES, Ginete Cavalcante et al. Pesquisa Científica: Conceitos Básicos. **ID on line. Revista de Psicologia**, v. 10, n. 29, p. 144-151, 2016. doi: <https://doi.org/10.14295/online.v10i1.390>

OLIVEIRA, Wanderlei Abadio de et al. Interfaces entre família e bullying escolar: uma revisão sistemática. **Psico-USF**, v. 20, n. 1, p. 121-132, jan./abr. 2015a. doi: <https://doi.org/10.1590/1413-82712015200111>

OLIVEIRA, Wanderlei Abadio de et al. *The causes of bullying: results from the National Survey of School Health (PeNSE)*. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 23, n. 2, p. 275-282, fev./abr. 2015b. doi: <https://doi.org/10.1590/0104-1169.0022.2552>.

OLIVEIRA, Wanderlei Abadio de et al. *Bullying e mecanismos de desengajamento moral: revisão sistemática da literatura com metanálise*. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 25, p. 1-9, 2021. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-35392021223346>.

OLIVEIRA-MENEGOTTO, Lisiane Machado de; PASINI, Audri Inês; LEVANDOWSKI, Gabriel. O *bullying* escolar no Brasil: uma revisão de artigos científicos. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 15, n. 2, p. 203-215, 2013. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v15n2/16.pdf> >. Acesso em: 05 nov. 2021.

PEREIRA, Beatriz Oliveira. **Para Uma Escola Sem Violência** - Estudo e Prevenção das Práticas Agressivas Entre Criança. Cidade do Porto: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008. 364 p.

PIGOZI, Pamela Lamarca. A produção subjetiva do cuidado: uma cartografia de *bullying* escolar. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 28, n. 3, p. 1-21, 2018. doi: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312018280312>.

PIGOZI, Pamela Lamarca; BARTOLI, Alice Jones. *School Nurses' Experiences in Dealing With Bullying Situations Among Students*. **The Journal of School Nursing**, v. 32, n. 3, p. 177-185, 2016. doi: <http://dx.doi.org/10.1177/1059840515613140>.

RIBEIRO, Jaime; SOUZA, Francislê Neri de; LOBÃO, Catarina. Editorial: Saturação da Análise na Investigação Qualitativa: Quando Parar de Recolher Dados? **Revista Pesquisa Qualitativa**, v. 6, n. 10, p. 3-7, 2018. Disponível em: <<https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/213/111>>. Acesso em: 05 nov. 2021.

RUSSO, Letícia Xander. Associação entre vitimização por *bullying* e índice de massa corporal em escolares. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, n. 10, p. 1-12, 2020. doi: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00182819>

SANTOS, Isabele Ferreira; SILVA, Marcos Antonio Carneiro da. O corpo no ensino médio: uma análise da percepção corporal dos estudantes do Rio de Janeiro. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 32, p. 1-12, 2021. doi: <https://doi.org/10.4025/jphiseduc.v32i1.3205>

SHARIFF, Shaheen. **Cyberbullying**: questões e soluções para a escola, a sala de aula e a família. Porto Alegre: Artmed. 2011.

SILVA, Daniel et al. Vítimas e agressores: manifestações de *bullying* em alunos do 6º ao 9º ano de escolaridade. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, Spe. 5, p. 57-62, ago. 2014. doi: <https://doi.org/10.19131/rpesm.0168>.

SILVA, Jorge Luiz da et al. Revisão sistemática da literatura sobre intervenções *antibullying* em escolas. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 22, n. 7, p. 2329-234, jul. 2017a. doi: <https://doi.org/10.1590/1413-81232017227.16242015>

SILVA, Jorge Luiz da et al. Resultados de Intervenções em Habilidades Sociais na Redução de *Bullying* Escolar: Revisão Sistemática com Metanálise. **Trends in Psychology**, v. 26, n. 1, p. 509-522, jan./mar. 2018. doi: <https://doi.org/10.9788/TP2018.1-20Pt>.

SOUZA, Lélia Castro de. Quando o *bullying* na escola afeta a vida adulta. **Revista Psicopedagogia**, v. 36, n. 110, p.159-162, maio/ago. 2019. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v36n110/04.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2021.

STEPHAN, Francesca et al. *Bullying* e aspectos psicossociais: estudo bibliométrico. **Temas em Psicologia**, v. 21, n. 1, p. 245-258, jun. 2013. doi: <http://dx.doi.org/10.9788/TP2013.1-17>.

TTOFFI, Maria M. et al. *Do the victims of school bullies tend to become depressed later in life? A systematic review and meta-analysis of longitudinal studies*. **Journal of Agression, Conflict and Peace Research**, v. 3, n. 2, p. 63-73, 2011. Disponível em: <<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.670.6461&rep=rep1&type=pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2021.

VELOSO, Vandoval Rodrigues et al. Vitimização por bullying e fatores associados em estudantes brasileiros com idade de 13 a 17 anos: estudo populacional. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 23, p. 1-14, 2020. doi: <https://doi.org/10.1590/1980-549720200097>.